



ANPOF

XIV ENCONTRO NACIONAL
OUT 2010 ANPOF

Águas de Lindóia
São Paulo



8:00-9:30 **Mini-curso** O Modelo da Interação entre Ciência e Valores
10:00 Coffee break

SESSÃO TEMÁTICA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Coordenador da Sessão: **Anderson Bógea da Silva**

10:30 **Carolina Ignacio Muzitano**
O problema da incompatibilidade entre externalismo e acesso privilegiado

11:00 **Luís Felipe Netto Lauer**
Extensão e referência: notas sobre o conceito fregeano de conceito

11:30 **Izabel Cristina Izidoro de Souza**
O princípio do contexto de Gottlob Frege: análise de uma polêmica

12:00 **Anderson Bogéa da Silva**
Uma análise do argumento antipsicologista à luz do pensamento fregeano

12:30 Almoço

Coordenador da Sessão: **Vitor Mauro F. R. Bragança**

14:00 **Renato Mendes Rocha**
Poder explicativo do realismo modal de Lewis

14:30 **Allan Patrick de Lucena Costa**
Uma crítica às pretensões ontológicas da teoria dos tropos

15:00 **Diogo de França Gurgel**
Sobre o papel de expressões figuradas em descrições de mundo

15:30 **Vitor Mauro F. R. Bragança**
Sensibilidade contextual e forma lógica

16:00 Coffee break

Coordenador da Sessão: **Renato Fagundes Valadão Ridolfi**

16:30 **Dilnei Lorenzi**
Implicações da doutrina do solipsismo numa teoria da verdade

17:00 **Bernardo Gonçalves Alonso**
Externalismo Ativo e a Lógica da Informação

17:30 **Adriano Messias Rodrigues**
A pragmática da linguagem em Karl-Otto Apel

18:00 **Renato Fagundes Valadão Ridolfi**
Identidade pessoal, memória e circularidade

RESUMO DA COMUNICAÇÃO APROVADO PELA ANPOF

A Pragmática da Linguagem em Karl-Otto Apel

Encaminhado para? Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará

No contexto da filosofia da linguagem, a partir do pensamento de K.-O. Apel, podemos perguntar: o que tem prioridade do ponto de vista metodológico, na questão da constituição do sentido e significados linguísticos? A intencionalidade da consciência ou a pragmática da linguagem? Noutras palavras, o que é mais importante para fundamentar uma teoria dos significados linguísticos? A fixação do significado dos signos no sentido das convenções linguísticas? Ou, o significado que damos aos signos a partir das intenções pré-linguísticas da consciência? Para K.-O. Apel torna-se impossível o acesso aos fatos do mundo de forma imediata, ou num sentido pré-linguístico. Para ele não podemos conhecer "algo como algo", ou saber alguma coisa sobre os objetos do mundo sem a mediação da linguagem, ou seja, sem uma descrição proposicional do mundo. Apel irá chamar isso de o caráter de "intransponibilidade" ("Unhintergebarkeit") da linguagem que para ele torna-se um verdadeiro "a priori", pressuposto de todo entendimento mútuo sobre os objetos do mundo. K.-O. Apel irá buscar a superação do binômio sujeito-objeto do solipsismo metódico da filosofia da consciência presente na fase sintático-semântica da "linguistic turn". Para tanto, apoiar-se-á na semiótica tridimensional de Ch. Peirce, criando o binômio sujeito-cosujeito do discurso comunicativo. Deslocando, dessa forma, a questão das pretensões de sentido e validade dos enunciados linguísticos, bem como da verdade proposicional, para a esfera da intersubjetividade dialógica, e suas condições transcendentais de possibilidade.

* Resumo:
(até 500
palavras)

Publicar email? SIM

COMUNICAÇÃO ANPOF 2010

01. Breve introdução

Karl-otto Apel é conhecido como criador, junto com Jürgen Habermas da “Ética Comunicativa do Discurso”. Na sua obra principal: Transformação da Filosofia de 1972 em dois volumes, apesar de abordar várias questões, tem como eixo central a filosofia da linguagem. O que Apel propõe é uma transformação da filosofia transcendental clássica da consciência que parte do individualismo metódico em uma filosofia transcendental da linguagem que parte da razão em sua dimensão dialógica e comunicativa. Ou seja, parte-se agora não da consciência na sua subjetividade absoluta, mas, da linguagem, enquanto esfera intersubjetiva de condição e legitimação do saber e conhecer.

O principal volume de sua obra principal tem como título: “análise da linguagem, semiótica e hermenêutica”. O segundo volume: “o a priori da comunidade de comunicação”. Entretanto, apenas no último capítulo do vol. II que tem como título: “o a priori da comunidade de comunicação e os fundamentos da ética”, Apel irá abordar a questão ética como uma aplicação ou demonstração da transformação da filosofia transcendental clássica a partir da virada linguística e pragmática que desenvolve ao longo dos dois volumes da obra. Portanto, a transformação da filosofia transcendental a partir da linguagem é o eixo central de sua obra principal e, tem como finalidade uma fundamentação racional da ética adequada para os dias de hoje.

Não vou abordar aqui a questão ética, e nem suas limitações com relação a aplicação dos princípios ou a necessidade de procedimentos e mediações que superem o seu puro formalismo. Irei me deter na sua filosofia da linguagem. O “porquê” deste recorte é justamente o lugar que ocupa na filosofia apeliana, a linguagem, ou seja, o de uma nova “grandeza transcendental” ou de “filosofia primeira”. Noutras palavras a filosofia da linguagem toma-se em Apel o lugar onde se resolvem as questões últimas de fundamentação que estabelecem as condições de possibilidade tanto da filosofia prática em geral (ética), quanto da filosofia teórica e do saber em geral (filosofia da linguagem).

Tomarei como obra de referência, ainda que não de forma exclusiva, o livro: “semiótica filosófica” de Apel que é uma coletânea de artigos de Apel publicados separadamente em alemão sobre filosofia da linguagem. Este livro não existe em alemão, apenas em espanhol e numa versão em inglês. Foi organizado e traduzido por: Zulio De Zan, Ricardo Maliandi e Dorando Michelini, pelo Editorial Almagesto de Buenos Aires em 1993.

A semiótica de que trata o livro é entendida, não como teoria empírica ou como disciplina básica da linguística, mas no sentido da triplicidade da relação sógnica de Ch. Peirce, e na tríplice função do signo de Ch. Morris. O que Apel propõe é uma transformação filosófico-transcendental da própria semiótica (enquanto teoria empírica) baseada numa pragmática transcendental da linguagem que ao mesmo tempo é também uma transformação semiótica da própria filosofia.

02. Texto a ser trabalhado na comunicação: Fundamentação semiótico-transcendental da filosofia pragmática da linguagem (semiótica filosófica, pp. 153-183) – *Título original: Pragmatische sprachphilosophie in transzendentalsemiotischer begründung, In: H. Stachowiack (Hrsg): PRAGMATIK, Bd. VI, Teil I, Hamburg, Meiner.*

2.1 Apel começa situando o tema da semiótica-transcendental no contexto da discussão de fundamentos, e na sua relação com três conceitos fundamentais da filosofia atual, quais sejam:

- o giro pragmático da filosofia analítica da linguagem;
- a semiótica no sentido da triplicidade da relação sógnica de Peirce, e no sentido das funções sógnicas de Morris;
- a filosofia transcendental no sentido de uma reconstrução crítica e transformação da forma de filosofia primeira fundamentada por Kant, ou seja, uma reflexão sobre as condições de possibilidade da argumentação válida.

A primeira coisa a fazer é explicar o termo “irrebasable” (Nichthintergebar) usado por Apel para caracterizar o lugar da linguagem na

reflexão sobre fundamentos. Com este termo Apel quer dizer do caráter de intransponibilidade ou inevitabilidade da linguagem enquanto médium do pensamento não como instrumento, mas como condição transcendental de possibilidade.

Para Apel quem primeiro partiu de um método que tinha como ponto de partida a indubitabilidade de uma certeza de razão foi Descartes. Entretanto, ainda não se distinguia em Descartes entre o caráter transcendental do pensamento em geral, e o possível auto-conhecimento empírico-introspectivo (metafísico). Apenas com Kant o conhecimento consiste numa síntese transcendental entre dados da experiência e as formas puras do entendimento sem as quais a própria experiência não pode ser dada ao sujeito. Contudo, este caráter de intransponibilidade da consciência kantiana foi questionado sobretudo a partir do Husserl tardio, para quem algo anterior e mais originário que a consciência, seria o “mundo da vida”, enquanto realidade histórica e cultural oposta ao mundo da ciência. Também a partir de outras categorias pré-linguísticas como “ser-no-mundo” de Heidegger e o conceito de “vida” de Dilthey, e de “práxis social material” de Marx. Em todos estes casos se pressupõe uma constituição de sentido que é pré-reflexiva baseada num a priori da facticidade e da historicidade do ser-no-mundo.

Para Apel, nestes casos, o a priori da consciência se vê confrontado com o a priori pré-reflexivo da historicidade. Este, enquanto pré-estrutura de compreensão do mundo precede¹ necessariamente a reflexão sobre a validade; esta, por sua vez, dá a medida da reconstrução racional a que possivelmente está sujeito o a priori da facticidade.

Para Apel o a priori da linguagem está associado tanto ao primado pré-reflexivo da vida prática na questão da constituição de sentido (a priori fático), quanto ao primado reflexivo na questão da reflexão sobre a validade (a priori contra-fático). Ou seja, a linguagem pressupõe tanto a pré-estrutura hermenêutica de pré-compreensão do mundo da vida, quanto a condição de

¹ “Para Höle, uma das confusões espirituais de nosso tempo é o fato de que nosso contexto cultural ou confunde gênese com validade ou recalca a esfera da validade, de tal modo que constitui um problema central para a filosofia, em nossos dias, mostrar a irreducibilidade das questões de validade a questões genéticas, pois tudo se gesta geneticamente, mas nem tudo vale (é verdadeiro, bom etc.)” IN: OLIVEIRA, Dialética Hoje, p.365.

possibilidade da reflexão sobre os pressupostos de compreensão do mundo contidos no mundo da vida.

2.2. A partir daqui Apel faz uma consideração histórico-sistemática (Semiótica: 157) para ajudar a esclarecer a aprioridade da linguagem enquanto esfera ineliminável do saber e conhecer válidos.

Apel defende que apenas nos últimos anos se configurou historicamente uma situação espiritual favorável a transformação da filosofia que ele propõe a partir da linguagem por meio da convergência entre diversos delineamentos teóricos como:

- a hermenêutica pós-heideggeriana enquanto hermenêutica da linguagem (Gadamer) – *desde que* - o acontecer temporal do sentido e da verdade sejam subordinados a princípios regulativos de uma hermenêutica transcendental;

- a teoria dos jogos de linguagem do segundo Wittgenstein – *desde que* - diante do pluralismo dos jogos se possa mostrar a necessidade funcional de um jogo transcendental da linguagem;

- a teoria dos atos de fala de Austin/Searle – *desde que* – se possa interpretar a dupla estrutura performativo-proposicional da fala num sentido pragmático-transcendental;

- a pragmática construtivista da linguagem inaugurada por Lorenzen – *desde que* – se possa mostrar que na sua análise pragmática da semântica e da sintática, já se pressupõe a dupla estrutura performativo-proposicional da fala;

- a semiótica pragmática de Peirce – *desde que* – se possa recusar a interpretação empirista-naturalista da mesma (Morris), e interpretá-la no sentido de uma pragmática e hermenêutica transcendentais (Semiótica: 157-158).

Em todos estes delineamentos o que se tem em comum é a referência ao a priori lingüístico e a dependência do pensar e do conhecer a um acordo intersubjetivo válido, ou seja, em todos estes aportes pretende-se superar a pretensão de que um sujeito isolado, prescindindo de qualquer processo

intersubjetivo de socialização pudesse chegar a resultados válidos do pensar e do conhecer. Noutras palavras procura-se superar o solipsismo metódico que marcou a tradição da filosofia transcendental clássica.

Para Apel em todas estas abordagens teóricas da filosofia da linguagem busca-se superar o solipsismo metódico via linguagem. Este solipsismo que está presente nas “idéias privadas” de Locke, e também na “consciência em geral” kantiana. Para Apel Kant não consegue superar o solipsismo porque quando fala de “sentido comum” ou “aprovação” dos outros (crítica do juízo) está falando apenas no nível subjetivo de um critério de verdade pragmático. Entretanto, o critério formal e objetivo de conhecimento para Kant é a “concordância do conhecimento consigo mesmo” ou com as leis gerais do entendimento.

Neste momento surge para Apel o problema central de uma interpretação semiótico-transcendental, ou seja, na superação do solipsismo metódico da filosofia clássica, o pensar e o conhecer agora dependem de um acordo intersubjetivo mediado por linguagens históricas e contingentes, ou ligadas a determinados contextos ou formas de vida. Neste sentido, o “logos” universal da filosofia clássica é substituído por um a priori lingüístico da facticidade, e junto com ele vem o abandono de todas as pretensões de validade universal do saber e conhecer (destranscendentalização).

Para Apel a virada “hermenêutico-lingüístico-pragmática” que se deu a partir de Heidegger, Gadamer e do segundo Wittgenstein que nos mostra o caráter contingente do a priori lingüístico, não necessariamente, nos deveria levar ao abandono das pretensões de validade universal do saber ou a uma postura de destranscendentalização. Porque ao se enfatizar apenas o caráter contingente do a priori da linguagem, não se pode demonstrar a intelecção reflexiva da consciência como uma intelecção de validade intersubjetiva. Portanto, apenas a partir de um a priori da argumentação, enquanto condição de possibilidade da validade universal de nossas intelecções filosóficas se pode chegar a fundamentar racionalmente o pensar e o conhecer de forma adequada para os dias de hoje.

Segundo Apel nenhum dos autores que propõe um abandono das pretensões de validade universal do saber consegue fugir delas quando elabora publicamente uma tese filosófica. E, mesmo Rorty ao afirmar que os filósofos deveriam fazer literatura levanta uma pretensão de validade universal em sua fala. Logo, para Apel o a priori da linguagem não deve ser interpretado como uma espécie de destranscendentalização do saber, mas como uma transformação crítica da filosofia transcendental clássica (Semiótica: 162).

2.3 Neste momento do texto Apel propõe retomar os 5 delineamentos citados anteriormente, quais sejam: 1- hermenêutica transcendental; 2- jogo transcendental da linguagem; 3- interpretação pragmático-transcendental da teoria dos atos de fala; 4- pragmática construtivista da linguagem; 5- *semiótica transcendental enquanto hermenêutica e pragmática transcendental*. Por questões de espaço e tempo, Apel decide trabalhar apenas o ponto 5 de uma semiótica transcendental, e é o que vamos fazer agora junto com o autor.

Apel começa apresentando de forma esquemática a tese fundamental de Peirce da triplicidade da relação sígnica ou do conhecimento do real mediado por signos:

I – objeto real ----- II – signo ----- III – intérprete ou usuário do signo (falante/ouvinte)

Também apresenta de forma esquemática a “fundamentação da teoria dos signos” de Morris que segundo Apel permitiu o desenvolvimento da virada pragmática na linguagem:

I – objeto real – designatum – dimensão semântica

II – signo – sistema lingüístico – dimensão sintática

III – intérprete/usuário – emissor/receptor – dimensão pragmática

Apel nos adverte que não tem como objetivo principal aqui uma interpretação de Peirce ou Morris, e muito menos a defesa da semiótica enquanto teoria empírica forte (como disciplina da linguística ou demais ciências da cultura). O que Apel pretende a partir dos esquemas citados é demonstrar a possibilidade e a necessidade metodológica de uma semiótica

transcendental, e dentro desta, de uma pragmática transcendental da linguagem. Para Apel apenas uma interpretação transcendental da semiótica peirceana pode “explicitar o sentido da pretensão de verdade” da mesma, e evitar “falácias abstrativistas”.

2.3.1 Neste momento do texto Apel nos propõe apresentar uma perspectiva lógico-transcendental versus uma perspectiva metafísico-empírica da interpretação da semiótica peirceana (Semiótica: 165), vinda, sobretudo de Ch. Morris e Carnap.

Para Apel a partir de uma interpretação empírica da semiótica peirceana pode-se defender que a filosofia da linguagem é apenas uma disciplina especial da semiótica ou que representa a fase final da evolução cósmica dos processos sígnicos no estágio de evolução cultural. Entretanto, a partir da lógica semiótica normativa do conhecimento que pensa a relação entre os signos como relação do próprio conhecimento mediado por signos, a filosofia da linguagem possui uma primazia especial, porque possibilita a interpretação simbólica que é constitutiva para o conhecimento intersubjetivamente válido (Semiótica: 166).

Segundo Apel a linguagem não pode se resumir a signos puramente simbólicos (abstrações/convenções), mas, enquanto “médium” do conhecimento possui a função de mediar a “intuição” e o “conceito” (no sentido kantiano) e, a “afecção” causal dos sentidos na percepção. Ou seja, medeiam as funções simbólicas da linguagem (abstrações) com a função sígnica extralinguística (natural) dos “índices” (causas) e “ícones (imagens).

Conforme Apel existe um problema básico na semiótica de Peirce que é o seguinte: o próprio objeto real, e o intérprete real dos signos, aparecem, eles também como meros signos que por sua vez remetem a outros signos, num processo infinito de designação sígnica. Se o objeto real e o intérprete real não são nada além de signos, o próprio sentido do conceito de signo enquanto, “algo que está no lugar de alguma outra coisa”, acabaria por se dissolver. Porquanto teríamos o mundo apenas como um “conjunto entrelaçado de significantes”, sem significados, ou seja, sem objetos reais ou referentes reais, e sem intérpretes reais dos mesmos.

Apel interpreta este processo infinito de designação como uma necessidade empírica da teoria semiótica de Peirce, tendo em vista, que a partir da mesma, por princípio, não temos acesso intuitivo a realidade, mas apenas mediado por signos. Contudo, para Apel este aspecto da semiótica empírica não entra em contradição com o primado da triplicidade da relação sígnica. Ora, se a priori foi definido o conhecimento como mediado por signos numa relação tríadica de objeto – signo – intérprete. No processo real de conhecimento empírico, tendo o objeto, quanto o intérprete serão também objetos desta mediação num processo de evolução infinita da investigação empírica (Semiótica: 167).

2.3.2 Neste momento da reflexão Apel vai analisar o esquema da triplicidade da relação sígnica do conhecimento do real mediado por signos:

I – objeto real II – signo III – intérprete/usuário do signo
(falante/ouvinte)

Segundo Apel a partir deste esquema do conhecimento mediado por signos se desprende três paradigmas possíveis de filosofia primeira, caso se tome em separado cada um dos elementos que compõem a estrutura tríadica básica. Por exemplo, se tomamos em separado o objeto real (I) do conhecimento temos a postura básica da metafísica enquanto ontologia; se consideramos a primeira e terceira posição no sentido da relação sujeito-objeto temos a posição básica da filosofia transcendental da subjetividade; se nos referimos as três posições no sentido de uma “interpretação do mundo mediada por signos”, temos segundo Apel, a postura do que ele chama de “semiótica transcendental”. Passemos agora a análise de cada uma destas posturas:

1º paradigma – a metafísica ontológica no sentido pré-kantiano. Segundo Apel este tipo de abordagem não considera a “relação de conhecimento” e a “relação de signos” numa perspectiva reflexiva, ou seja, como pré-condição de objetividade do mundo. Mas, apenas, de maneira imediata na “intentio recta” – como “relações objetivas entre entidades no mundo” (Semiótica: 170). O déficit de reflexão deste paradigma se expressa em duas aporias principais: a primeira é com relação a teoria da verdade

enquanto correspondência da mente (enunciado) com as coisas ou estados de coisas; como uma relação entre coisas objetiváveis no mundo, como se pudéssemos ter acesso às coisas mesmas e substituir a relação sujeito-objeto pela relação objeto-objeto no conhecimento do mundo. Segundo Apel, Kant já demonstrou que não podemos comparar ou co-relacionar a mente e as coisas como dois objetos no mundo, porque o “conhecimento do objeto só pode ser comparado com o conhecimento do objeto” (Semiótica: 170). Daí vem a segunda aporia deste paradigma que consiste numa fundamentação última de princípios que sempre parte de axiomas indemonstráveis num processo infinito de inferências a partir de algo distinto dele (outros princípios indemonstráveis). E, dessa forma este tipo de fundamentação nos leva a um saber dogmático, e no fundo não fundamentado reflexivamente.

2º paradigma – a filosofia transcendental clássica. Aqui a objetividade do “ente” é entendida de forma reflexiva, ou seja, como correlata à subjetividade transcendental da consciência em geral. Pois, pensa-se aqui a partir das condições subjetivas de possibilidade inelimináveis do pensar e conhecer de um mundo objetivamente dado. Para Apel Husserl representa o último clássico deste paradigma e propõe uma “fenomenologia transcendental” enquanto correlação entre atos intencionais da consciência e fenômenos dados para o problema da verdade e da fundamentação. Husserl consegue superar as aporias do 1º paradigma (“regressus ad infinitum” e objetivação da relação sujeito-objeto) com o recurso a intransponibilidade do “eu penso” que até mesmo para por em questão a existência do mundo precisa ser pressuposto (fundamentação); e também com o recurso à evidência do cumprimento das intenções de sentido da consciência a partir da capacidade dos fenômenos de dar-se a si mesmos na percepção (verdade). Contudo para Apel, Husserl ainda está preso ao paradigma da subjetividade da consciência por não pressupor uma compreensão intersubjetivamente compartilhada do significado da proposição e do fenômeno que se quer identificar. A aporia deste paradigma segundo Apel consiste em não perceber que a evidência fenomênica, tanto como “percepção” mediada pelos sentidos (Kant), quanto no sentido de “intuição categorial” (Husserl) sempre é uma evidência linguisticamente interpretada e, que sua pretensão de verdade, apenas pode ser alcançada por

meio de uma validade intersubjetiva que é passível de consenso e, que é discursivamente fundamentada numa comunidade de interpretação dos intérpretes dos signos. E, nunca apenas como algo fruto de minha consciência isolada ou de um “eu penso” absoluto, mas sim, por meio de um “nós argumentamos” diz Apel.

3º *paradigma – a semiótica transcendental*. Apel propõe substituir a relação dual sujeito-objeto, pela relação triádica do conhecimento mediado por signos (Peirce) - *objeto* ---- *signo* ----- *intérprete*. Complementada por uma virada pragmática possibilitada pela triplicidade da relação sógnica (Morris) – *sintática* ----- *semântica* ----- *pragmática*. Contudo, Apel insiste que não se trata aqui de uma pragmática empírica, ou pragmática fomal (metalinguisticamente semantizada); porém, uma “pragmática reflexivo-transcendental da linguagem” (Semiótica: 174). Apel critica a posição de Cassirer que identifica “símbolo” com semiótica e, considera o símbolo como órgão necessário e essencial do pensamento, através do qual o sujeito produz as condições de possibilidade do pensar e conhecer. Noutras palavras, põe os objetos do conhecimento como símbolos intelectuais livremente criados. Neste caso, diz Apel, o intérprete dos signos ou usuário lingüístico não é considerado adequadamente ou fica obscurecido.

Conforme Apel é preciso transformar o sujeito do conhecimento em intérprete de signos através da superação de qualquer espécie de solipsismo ou subjetividade absoluta. A primeira coisa a fazer é admitir uma clara dependência do pensar e do conhecer com relação às convenções de significados das linguagens naturais concretas, e das regras dos distintos jogos lingüísticos entendidos como totalmente incomensuráveis. Segundo Apel a equiparação do significado com o fático “uso na linguagem” proposto por Wittgenstein é insatisfatório. Para ele é preciso avançar na reflexão com Peirce e pensar em “princípios regulativos” (logical interpretants) – implícitos nos significados de vocábulos das linguagens naturais – da interpretação (entendida como de validade universal de sentido). Segundo Apel em cada discurso “interlingual” se mostra que já sempre contamos com a abertura de todas as linguagens naturais na direção de uma antecipação (contrafática) de

significados intersubjetivos por antonomásia, quer dizer, interlingualmente válidos (Semiótica: 175).

Não apenas o “ouvinte” enquanto intérprete, mas também o “falante”, enquanto, usuário da linguagem, pressupõem ambos o “uso na linguagem”; porém, o transcendem no sentido de que reclamam validade intersubjetiva de sentido. Noutras palavras, o intérprete de signos tem que entender-se “a priori” como membro de uma comunidade real e ideal (via antecipação contrafática). E isso, não apenas como condição ineliminável de interpretação do mundo, linguisticamente mediado; mas, como condição transcendental de sua própria auto-compreensão, isto é, como condição transcendental-pragmático-linguístico do “eu penso”.

Conclusão: A partir deste 3º paradigma Apel propõe as seguintes *soluções* para o problema da explicitação da *verdade* e para o problema da *fundamentação última* (Semiótica: 177).

A – com relação a questão da verdade Apel aponta para a solução de Peirce da idéia regulativa de um consenso último da ilimitada comunidade de investigadores acerca da aceitabilidade de hipóteses falíveis. Que por um lado, vai além, ou transcende “a priori” o mero consenso fático; contudo, a partir dos critérios de verdade disponíveis se propõe a estabelecer sempre novos consensos argumentativo-discursivos (processo ilimitado de interpretação).

B – com relação ao problema da fundamentação última, Apel entende o “eu penso” como “eu argumento”, no sentido da função interpretativa de signos por parte do sujeito como algo inevitável para o pensamento com sentido. Dessa forma, deve-se pensar aquelas condições ou pressuposições do argumentar que se não cumpridas levam o argumentante a uma contradição não apenas semântica, mas pragmática (performativa).

Enfim, Apel se pergunta pelas “certezas paradigmáticas” do jogo de linguagem da argumentação filosófica que não pode ser pensado como um jogo histórico e contingente como qualquer outro, mas sim, como aquele jogo no qual “já sempre se pretende que é possível fazer enunciados com pretensão de validade universal a priori sobre todos os jogos de linguagem, por mais

distintos que estes sejam” (Semiótica: 178). Noutras palavras, segundo Apel, na questão da fundamentação do saber é preciso pôr o jogo de linguagem próprio do discurso argumentativo como o jogo de linguagem transcendental.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abilio Azambuja Rodrigues Filho 80
Acylene Maria Cabral Ferreira 33
Adão José Peixoto 73
Adauto Lopes da Silva Filho 62
Admar Almeida da Costa 21
Adolfo Miranda Oleare 55
Adolfo Pereira de Souza Junior 68
Adriana Barin de Azevedo 29
Adriana Delbó Lopes 61
Adriana Maria da Silva
Adriana Mattar Maamari 100
Adriano Correia 61
Adriano Messias Rodrigues 11
Adriano Naves de Brito 43
Adriano Perin 17
Aelton Leonardo Santos Barbosa 18
Agemir Bavaresco 14
Agnaldo Cuoco Portugal 23
Agostinho de Freitas Meirelles 54
Aguinaldo Pavão 54
Alan Marinho Lopes Henrique 59
Alberto Bezerra de Abreu 53
Alberto Marcos Onate 73
Alberto Ribeiro de Barros 12
Alcides Hector Rodriguez Benoit 90
Alcino Eduardo Bonella 28
Aldir Araújo Carvalho Filho 41
Alessandra Regiane de Lara 78
Alessandra Uchôa Sisnando 46
Alessandro Bandeira Duarte 80
Alessandro Baungartner 13
Alessandro Carvalho Sales 27
Alessandro Pimenta 108
Alessandro Pinzani 32
Alex Calazans 15
Alex Calheiros 32
Alex Leite 29
Alex Pinheiro Lima 29
Alexandra de Almeida 77
Alexandre Arbex Valadares 29
Alexandre de Moura Barbosa 19
Alexandre Gomes dos Santos 18
Alexandre Guimarães Tadeu de Soares 93
Alexandre Hahn 54
Alexandre Lima 46
Alexandre Medeiros de Araújo 48
Alexandre Meyer Luz 10
Alexandre Noronha Machado 52
Alexia Cruz Bretas 32
Alfredo Culleton 86
Alfredo de Oliveira Moraes 39
Alfredo Pereira Júnior 65
Allan Davy Santos Sena 55
Allan Patrick de Lucena Costa 11
Aloysio Augusto Paz de Lima Martins 28
Alvaro Luiz Montenegro Valls 23
Álvaro Mendonça Pimentel 107
Amanda Viana 50
Amanda Santos 66
Amaro Fleck 91
Amauri Carboni Bitencourt 26, 110
Amélia Cristina Silva Machado Prieto 16
Amélia de Jesus Oliveira 89
Ana Aguiar Cotrim 101
Ana Bárbara da Silva Nascimento 23
Ana Carolina da Costa e Fonseca 28
Ana Carolina Gomes Araújo 64
Ana Carolina Mondini 88
Ana Claudia de Jesus Golzio 20
Ana Claudia Gama Barreto 55
Ana Gabriela Colantoni de Matos 28
Ana Leda de Araujo 43
Ana Luiza Varella Franco 68
Ana Margarete Freitas 90
Ana Paula Brito Abreu de Lima 73
Ana Paula Dezem Amorim 46
Ana Selva Castelo Branco Albinati 24
Anastácio Borges de Araújo Jr 81
Anatoli Konstantin Gradiski 78
Anderson Augusto dos Anjos 93
Anderson Bogéa da Silva 11
Anderson D'Arc Ferreira 86
Anderson de Paula Borges 21
André Berten 37
André Constantino Yazbek 72
André da Silva Porto 52
André de Deus Berger 35
Andre de Goes Cressoni 91
André de Macedo Duarte 33
Andre Gustavo Ferreira da Silva 14
André Joffily Abath 10